

Considerações finais

Nathália Pallos Imbrizi

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

IMBRIZI, N. P. Considerações finais. In: *Uma aula como ocupação: da infância da arte à arte da infância* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022, pp. 165-168. ISBN: 978-65-5954-249-9.

<https://doi.org/10.7476/9786559542499.0005>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa de mestrado, muita coisa nasceu e morreu em mim – literalmente, porque cheguei a descobrir que estava grávida em uma semana e, na outra, tive a notícia de que sofrera um aborto natural. Depois, disseram-me que talvez nem tenha ficado grávida, que poderia ter sido uma gravidez bioquímica ou ectópica. A primeira, pelo meu entendimento, seria quase que uma falsa gravidez, a segunda, uma gravidez fora do lugar. Passei a procurar as causas do aborto e, quando recebi todos os resultados dos exames sem nenhuma alteração significativa que identificasse alguma patologia ou algo que explicasse o que havia acontecido comigo, percebi-me angustiada e deprimida. Lembrei-me das palavras de uma amiga, de que “o corpo é sábio”, e passei a confiar nele, a abrir uma escuta para os meus sentimentos, desenvolver uma atenção às minhas emoções e respeitar mais tudo o que estava acontecendo por aqui.

De certo, você deve estar se perguntando o que é que isso tem a ver com essa pesquisa. Acredito que tem tudo a ver. Aprendi muita coisa no desenvolvimento deste trabalho, tive algumas falsas certezas e outras ideias que pareciam fora do lugar. Fui dispensando algumas coisas e me apegando mais às incertezas, incompletudes, ao inacabado. Passei a valorizar o exercício de deslocamento de coisas,

para me deixar levar e experimentar as várias possibilidades e imagens da arte e da infância. Confundi-me, entrei num abismo, num caos, na *balbúrdia* da educação, e passei a valorizar mais o que está presente do que, convencionalmente, parece faltar. O que antes parecia uma sujeira no cotidiano da escola, passou a ser a possibilidade, a oportunidade de continuar sendo, mas de outros jeitos.

Esse movimento é tão belo quanto difícil. Belo porque é daí que engravidei de mim mesma e enxerguei o nascedouro, a origem de uma atitude que quero ter como professora de arte na escola pública. Foi ao encontrar o meu lugar nesse mundo da pesquisa, que pude me sentir mais à vontade e com coragem de elevar a minha voz em meio a tantas teorias e certezas. Difícil, porque é incerto, inquieto, inacabado, incompleto e desconhecido para mim. O exercício de formação que eu tinha aprendido até então era o de conquistas de certezas, seguras, acabadas, completas, de reconhecimento e apropriação daquilo que já existia.

A pesquisa foi perseguindo as pistas que surgiram, primeiramente, a partir da pintura do muro da escola com os alunos e as alunas do quarto ano, em 2017. Essa experiência vivenciada com toda comunidade escolar me fez perceber a potencialidade no envolvimento dos familiares, dos outros professores, da gestão, funcionários da escola, vizinhos e artistas convidados para um processo de construção em arte. Atravessada por todo o contexto de desmonte da educação pública, passei a pensar sobre a ocupação de artistas contemporâneos na escola e convidei Tutunho e Laura Guimarães para levarem suas “obras de arte” para as crianças. Essas ocupações foram verdadeiros descaminhos que me levaram para lugares outros, outras maneiras de perceber minha própria ocupação na escola, o que me aproximou da ideia de “aula como ocupação” e me fez perceber os descaminhos da minha trajetória como professora, aquilo que fugia da ordem estabelecida, que muitas vezes, chamamos de “fracassos”.

A “aula como ocupação” foi aparecendo como um gesto de cuidado com o que acontece na escola e uma tentativa de deslocamento do que está sendo para o que pode vir a ser de um outro jeito,

um deslocamento no sentido de aula. É uma proposta de ocupação, de fazer um jogo constante de se ocupar do problema da arte, ocupar a escola com arte, o tempo com a arte, ocupar o corpo com a arte. Uma elaboração ou reelaboração de alguma forma de relação reflexiva consigo mesmo. É uma negação da mesmice, da repetição pela repetição, do hábito como algo que sobressai às reações das coisas, do tempo utilitário, produtivista, controlado, econômico, preciso, homogêneo, padronizado, automático, do ajustamento ao que é esperado. A aula como ocupação é uma provocação para repensarmos o sentido conservador de aula que estamos reproduzindo desde o início do século passado.

Há um desejo de que o mundo esteja dentro da escola, mas não (apenas) o mundo institucionalizado, e sim o mundo da arte, a infância da arte precisa estar presente na escola para que resistamos ao projeto que estamos vivendo de tentar sucumbi-la. Uma aula dentro de uma instituição não precisa ser uma aula institucionalizada e institucionalizadora, pois, se assim for, não conseguiremos deslocá-la nunca. Se ela for sempre institucional, conservadora, mataremos a passos largos essa nossa escola.

A aula como ocupação é uma manifestação em defesa da escola pública, um convite para que nós, professoras de arte, nunca deixemos de pensar e repensar nossa tarefa ao ocupar esse espaço, que deve ser ventilado constantemente com esse movimento de deslocamento das coisas e das pessoas. Precisamos inventar maneiras de desestabilizar a ordem naturalizada dos relacionamentos com a arte e com a infância na escola. Assim, descobriremos outras maneiras de ser e estar na escola, de ocupá-la. Podemos evitar que a escola permaneça sempre a mesma.

A aula pode ser um acontecimento entre as pessoas que se unem para pensar transbordando o ambiente escolar para fora dos muros. Para Hannah Arendt (2016), nenhuma atividade pode chegar à excelência se não acontecer na esfera pública. Segundo a autora, o termo público é ao mesmo tempo o lugar comum a todos e todas e aquele no qual habitam as diferenças. A aula como ocupação é uma luta antielitista por um ser humano mais coletivista, uma busca pela

força de renovar nossa coragem de continuar pensando e buscando as verdadeiras perguntas na escola pública.

Ao fechar esse ciclo de minha formação profissional, consigo dar forma, mesmo que inacabada, incerta e imprecisa para a minha “obra de arte”, que é ser professora na escola pública de base. Esse gesto me dá força para acreditar que ainda faz sentido ocupar seu espaço com crianças, resistir à falta de reconhecimento dessa profissão, lutar para que haja mudança, tornando a escola pública um lugar de propagação da infância da arte.